



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

GT MITO, IMAGEM E CENA - HIBRIDISMOS, INTERDISCIPLINARIDADES E
PRÁTICAS INTERCULTURAIS NA CENA EXPANDIDA

O SUL CORPÓREO: TRAJETO DE UM CORPO SOCIO-CULTURAL AO CORPO POÉTICO

ROCIO DEL CARMEN TISNADO VARGAS

TISNADO, Rocio. **O Sul Corpóreo**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Mestranda no Curso de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGARC/UFRN); Orientador: Robson Haderchpek; Bolsista CAPES. Bailarina e atriz.

RESUMO

Esta reflexão tenta colocar em questão o processo de colonização dentro da produção de conhecimento no teatro, estabelecendo um diálogo com as *epistemologias do sul* de Boaventura de Sousa Santos. Partindo da ideia de uma descolonização do imaginário, dinamizamos esta através do exercício de tradução *hermenêutica diatópica*, negociando um diálogo com a cultura Maia, uma epistemologia do sul que vem nos mostrar ideias e cosmovisões sobre **presença, transe, energia e tempos**.

PALAVRAS-CHAVE: descolonização: sul corpóreo, cultura Maia, teatro.

- 2775 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

RESUMEN

Esta reflexión intenta colocar en cuestión el proceso de colonización dentro de la producción de conocimiento en el teatro, estableciendo un diálogo con las *epistemologías del sur* de Boaventura de Sousa Santos. Partiendo de la idea de una descolonización del imaginario, dinamizamos esta a través del ejercicio de traducción *hermenéutica diatópica*, negociando un diálogo con la cultura Maya, una epistemología del sur que viene a mostrarnos ideas y cosmovisiones sobre **presencia, trance, energía y tiempos**.

PALABRAS CLAVE: descolonización: sur corpóreo, cultura Maya, teatro.

ABSTRACT

This reflection tries to place in question the colonization process in the production of knowledge in the theater, establishing a dialogue with the *epistemologies of the south* by Boaventura de Sousa Santos. Based on the idea of decolonization of the imaginary, we dynamize this through the exercise of translation *hermeneutics diatopical*, negotiating a dialogue with the Maya culture, an epistemology of the south that comes to show ideas and world views about **presence, trance, energy and times**.

KEY WORDS: descolonization: south of the body, Maya culture, theater.

A fascinante questão da presença do artista em cena é uma dimensão filosófica que tem discutido as mais diversas reflexões ao longo das últimas décadas dentro das artes cênicas. Com a intensão de evocar outros imaginários e outros paradigmas desde onde repensar estas reflexões ontológicas do ator, utilizaremos

- 2776 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

como uma bússola as *epistemologias do sul*, criadas por Boaventura de Sousa Santos, que irão apontar a metáfora de um sul ofuscado pelo projeto do colonialismo-modernidade. A partir deste pensamento em direção ao sul, propomos uma crítica ao sistema colonizador que predomina tanto nos mapas da academia como nos mapas das almas, e posteriormente tentaremos fazer um exercício de *hermenêutica diatópica*, um dos conceitos das *epistemologias do sul*, estabelecendo um diálogo com a cosmovisão Maia, uma cultura que teve significativas preocupações com as imaterialidades da vida, uma filosofia do sul que pode nos proporcionar exercícios epistemológicos de outra natureza. Isto nos leva a identificar preocupações isomórficas entre esses dois universos, desfazendo fronteiras e dando abertura à possibilidade alterna.

Migrei para o sul, desde México até o Brasil estava me esperando uma trajetória que iria mudar meus questionamentos em relação à identidade, às diversas formas de se fazer, a teatralidades repletas de alteridade. No período do segundo semestre do ano 2014, tive a sorte de participar nas rodas de conversa da disciplina Tópicos Avançados II: “Pós-Colonialismo e Epistemologias Emergentes” oferecida no Departamento de Ciências Sociais da UFRN, dirigida pela professora Vânia Gico. Estudávamos tópicos em relação à obra de Boaventura de Sousa Santos:

Uma forma de conhecimento que não reduza a realidade àquilo que existe. Uma forma de conhecimento que aspire a uma concepção alargada de realismo, que inclua realidades suprimidas, silenciadas ou marginalizadas, bem como realidades emergentes ou imaginadas. *A epistemologia dos conhecimentos ausentes* parte da premissa que as práticas que não assentam na ciência não são práticas ignorantes, são antes práticas de conhecimentos rivais, alternativos.

- 2777 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Não há nenhuma razão apriorística para privilegiar uma forma de conhecimento sobre qualquer outra. O objetivo será antes a formação de constelações de conhecimento orientadas para a criação de uma mais valia de solidariedade. (SANTOS, 2002, p. 246)

Interessava-me pensar sobre estes elos perdidos do conhecimento e as repercussões que poderiam ter no exercício de revitalizar as práticas teatrais. Comecei a me questionar, pensar e, sobretudo a buscar. Foi então que a proposta de meu mestrado concretou-se. A metáfora do sul emerge como a consciência crítica que busca um lugar dentro do motor da transição epistemológica que marca os tempos-espacos de hoje, principalmente em América Latina, articulando essa recuperação de saberes e criando os diálogos interculturais através de suas práticas. Saberes os quais não estão determinados. Aqui cabe questionar, o que é importante para essa transição e porque esta busca se dá através do teatro? Para esboçar a ideia em geral da pesquisa, esta procura encarnar a metáfora a partir da criação de uma *prática corporal* para o ator, levando à *práxis* conceitos das *epistemologias do sul* e construindo uma peça teatral a partir do universo simbólico de Quetzalcoatl/Kukulkán¹. Por hora, nesta proposta apresento centelhas que se desprendem desta investigação.

As *epistemologias do sul* que tenho vindo a discutir representam todas aquelas epistemologias/saberes que foram invisibilizados por uma cultura dominante, a qual não estabeleceu um diálogo com as culturas já existentes no lugar colonizado. Estas *epistemologias do sul* representam a riqueza cultural e tradicional de práticas, conhecimentos e formas de entender e de dar sentido à vida que não estão contempladas no projeto de globalização, e pelo fato de não

¹ *La Serpiente Emplumada* é o símbolo sagrado por excelência do mundo mesoamericano. (DE LA GARZA, 2015, p. 242)



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

atingir a aprovação do conhecimento científico, foram invalidadas, quase eliminadas para a contribuição do saber mundial. Para isso aproprio-me do pensamento do Sociólogo Boaventura de Sousa Santos (2008) que afirma:

A epistemologia do Sul que tenho vindo a propor visa a recuperação dos saberes e práticas dos grupos sociais que, por via do capitalismo e do colonialismo, foram histórica e sociologicamente postos na posição de serem tão só objeto ou matéria-prima dos saberes dominantes, considerados os únicos válidos. (SANTOS, 2008, p.11)

A Trans-Modernidade² busca uma desintoxicação, poderíamos chama-lhe também descolonização ou libertação do “progresso” moderno governado pelos sistemas de dominação social. E como evoca Félix Guattari, é um sistema que reprime, exclui e neutraliza as formas de conhecimento que não têm por efeito reproduzir sua forma de dominação (GUATTARI, 1937). O capitalismo faz um esforço por conquistar todas as vias que possam atravessar nosso organismo e por plantar raízes em nossas vísceras. É o espaço deste corpo com tudo o que produz de desejos e que queremos libertar da dominação estrangeira (GUATTARI, 1973). Este tipo de conquista corporal por parte do sistema de dominação é o que provoca pensar qual é o sul do corpo, será que precisamos de outras formas de desenvolver as práticas de conhecimento para continuar o caminho utópico de reverter a ordem social que esmaga a nossa condição humana? Até quando, esse espírito da arte que é político e transgressor em todos os sentidos, vai deixar de servir como instrumento para afirmar a cultura hegemônica e o euro-centrismo,

² Conceito proposto por Enrique Dussel que busca a superação da “modernidade” não como Post-Modernidade porque esta, segundo Dussel, é uma crítica última da modernidade a si mesma, mas ainda moderna e eurocêntrica. Trans-Modernidade desemboca em um novo projeto mundial de liberação político, econômico, ecológico, erótico, pedagógico, religioso, etc.. Mais informações em: Enrique Dussel. 1492 El Encubrimiento del Otro, Hacia el Origen del “Mito de la Modernidad”, 1994, p. 178.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

atuando a favor de oprimir e continuar invisibilizando nossas identidades heterogêneas, diversas, ancestrais e milenárias?

Encontramo-nos numa passagem de tensões e fricções epistemológicas. Enquanto o efeito universalizador chamado globalização pretende homogeneizar as sociedades do planeta, as diversas identidades e culturas flutuantes alternas à modernidade, que ainda existem na América Latina, lutam pela aceitação de uma diversidade cultural que coabita o mundo, pois a heterogeneidade é própria e histórica nesses países. Convido ao leitor para pensar também, junto comigo, como poderia ocorrer essa descolonização se nós mesmos, não somente conformamos, mas somos o sistema? Como estimular a ação da descolonização se o meio e o formato pelo qual estou expondo esta ideia é através desta forma de registrar que a herdamos e pertence ao sistema colonizador?

Mas, avancemos um pouco mais com as ideias de Boaventura. O paradigma moderno europeu é parte de nós, é parte de nossa condição heterogênea que conforma nossa cultura, portanto, não podemos ignorá-la. As *epistemologias do sul* também propõem estabelecer este diálogo com a ciência moderna, porque se o bloqueássemos, que é quase impossível, estaríamos fazendo o que os colonizadores impuseram. Por esta razão é de suma importância assumi-la e estar consciente do conhecimento que nos proporciona, e a partir disso, começar um diálogo com outros imaginários, outras culturas, para usar os termos de Boaventura, uma *tradução intercultural*.

Então nosso corpo começa o processo de uma *tradução* de saberes, aliás, a criação de uma “inteligibilidade recíproca entre as experiências do mundo” (SANTOS, 2006, p. 91). Como o corpo traduz as experiências de outras partes do mundo e como elas vêm dialogar com os saberes nativos do indivíduo, e a partir de esta articulação, como se constrói essa reciprocidade que se dá entre as duas culturas? Faz-se presente aqui, a busca pela identidade que faz alusão à

- 2780 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

libertação que começa a partir do corpo, promovendo a aceitação de um caráter cultural híbrido, heterogêneo e miscigenado.

A pesar de que o latino-americano seja uma utopia europeia e intentamos, por causa da imposição hegemônica, negar nossa verdadeira história, Leopoldo Zea (1972) considera que dentro dela, dentro de nós ainda existe a “essência”. Dá-se um esforço do progresso moderno por alcançar sua plenitude homogênea, mas algumas culturas populares na América continuam pulsando, então repensemos esta identidade. Que tanto tem transformado a modernidade à medula cultural da Mesoamérica, se ainda continuam vivas muitas práticas daqueles nativos? Será que aqueles deuses “se calaram” só por algum tempo? Estamos numa crise em que tudo horizonte tem que ser repensado, o homem precisa de novos ideais, novas formas de interpretar sua subjetividade, sua complexidade sensível, novas ordens de pensamento, e Leopoldo Zea acredita que a América pode ajudar a proporcionar essas novas ordens: “Este continente pode oferecer à cultura novas experiências humanas que, por ser humanas, valerão para todo o humano” (ZEA, 1972, p. 6). Não somente Zea com seu olhar social fala sobre este aporte, na viagem que Antonin Artaud fez para o México indígena, escreveu um par de artigos para os jornais mexicanos relatando suas profundas intuições a partir de sua experiência dentro da cultura mexicana. O texto “Lo que vine a hacer a México” foi publicado no jornal mexicano *El Nacional* no dia 5 de julho de 1936:

“É o único lugar da terra que nos propõe uma vida oculta, e a propõe na superfície da vida”. A chave dessa revolução se encontra nas “antigas relações anímicas do homem e da natureza”, ou nas “forças analógicas” que associam ao “organismo do homem” com o “organismo da natureza” –e essas correspondências se descobrem sempre no Popol Vuh. Mas aqui falamos de um Popol Vuh esotérico, banhado

- 2781 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

de alquimia e pitagorismo, que afirma que o homem é o “catalisador” do universo e que as forças morais do homem “vibram” de acordo com as forças do universo³. (Tradução nossa)⁴

O que mais ficou marcante em mim sobre os escritos de Artaud foi o desespero com o qual busca uma nova ideia do homem, levar no interior de se mesmo as antigas relações do homem com a natureza, como o estabeleceram os Toltecas, uma antiga ciência infinitamente superior à dos laboratórios. Artaud escreveu incansavelmente sobre esta revitalização do ser a partir de culturas que ficaram atrás da modernidade, e sentencia “É um dever do México moderno desenvolver esta ciência e esta cultura”⁵.

Para continuar com esta crítica ao sistema, cabe mencionar que não somente é importante a recuperação desses saberes, mas também começar uma negociação de diálogo com outros imaginários do mundo. A *ecologia de saberes*, um dos conceitos norteadores das *epistemologias do sul*, propõe um diálogo que se estabelece entre os diversos saberes que coexistem no banquete universal. Segundo Boaventura, todo saber é incompleto, não está certamente determinado

³ Artigo de Enrique flores “A qué vino Artaud a México?” Revista de la ciudad de México. Disponível em: < <http://www.revistadelauniversidad.unam.mx/1405/pdfs/34-40.pdf>> Acesso em: 03/11/2016 às 18:58 h.

⁴ “Es el único lugar de la tierra que nos propone una vida oculta, y la propone en la superficie de la vida”. La clave de esta revolución se encuentra en las “antiguas relaciones anímicas del hombre y la naturaleza”, o en las “fuerzas analógicas” que asocian al “organismo del hombre” con el “organismo de la naturaleza” —y estas correspondencias se descubren siempre en el Popol Vuh. Pero aquí hablamos de un Popol Vuh esotérico, teñido de alquimia y pitagorismo, que afirma que el hombre es el “catalizador” del universo y que las fuerzas morales del hombre “vibran” de acuerdo con las fuerzas del universo.

⁵ Artigo de Antonin Artaud “Lección de México” Revista de la ciudad de México. Disponível em: < <http://www.revistadelauniversidad.unam.mx/vcompleta.php?publicacion=342>> Acesso em: 03/11/2016 às 20:25 h.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

e fechado, e este aspecto de incompletude é o que abre a possibilidade de diálogo.

Este princípio de caráter incompleto de todos os conhecimentos é a condição para a possibilidade de um diálogo e um debate epistemológico entre eles. O que cada conhecimento aporta a semelhante diálogo é a maneira em que conduz certa prática para superar certa ignorância. (SANTOS, 2010, p. 45) (tradução nossa).⁶

Cada cultura do mundo tem algo que aportar às outras, e é fruto de uma visão hegemônica pensar em determinações e certezas como formas de vida.

No teatro, nos vemos seduzidos por interpretar grandes personagens que tem marcado culturas, como um Woyzeck, uma Andrômaca ou uma Malinche. O teatro é de uma natureza privilegiada, no sentido de abrir-se o tempo todo a dialogar, em alma, com a diversidade cultural. Quais são as metodologias e as poéticas que estão presentes na maioria das práticas teatrais? A necessidade de falar desde outros tempos-espacos, desde outros imaginários alternos à epistemologia hegemônica se faz cada vez mais latente.

Como possibilidade de gerar um conhecimento a partir de outros diagramas de entendimento, de outra produção de sentido, desde outra visão do mundo, apresento um exercício de hermenêutica diatópica:

É por via da tradução e do que eu designo por hermenêutica diatópica que uma necessidade, uma aspiração, uma prática

⁶ No original: Este principio del carácter incompleto de todos los conocimientos es la condición para la posibilidad de un diálogo y un debate epistemológico entre ellos. Lo que cada conocimiento aporta a semejante diálogo es la manera en que conduce una cierta práctica para superar una cierta ignorancia. (SANTOS, 2010, p. 45)



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

numa dada cultura pode ser tornada compreensível e inteligível para outra cultura. O conhecimento-emancipação não aspira a uma grande teoria, aspira sim a uma teoria de tradução que sirva de suporte epistemológico às práticas emancipatórias, todas elas finitas e incompletas e, por isso, apenas sustentáveis quando ligadas em rede. (SANTOS, 2002, p. 31)

A hermenêutica diatópica é um diálogo, mas também uma confrontação de culturas, interpretações possíveis de culturas alternas à nossa que oxigenam nosso imaginário com tudo o que produz de conhecimento.

O mergulho que decidi fazer no universo Maia traz consigo um risco e um cuidado no discurso, pois os registros desta civilização além de ter sido queimados na época da colonização⁷, esta cultura é vasta de complexidade. Por ora este escrito só apresenta o aspecto que é de interesse na esfera imaterial presença-energia-transe-tempos, no trabalho do ator. Esta civilização mesoamericana existiu no período pré-clássico 1000 a.C. a 250 d.C., os Maias habitaram a zona central da América, principalmente o extremo sul do México abarcando também grande parte de Guatemala. A cosmogonia Maia foi eminentemente astronômica, eles desenvolveram uma sabedoria inigualável sobre as interpretações do cosmos e mediram com uma espantosa precisão os movimentos dos astros. Mais que tudo eram naturalmente atraídos pelo Sol e a Lua, assim como também pelo planeta Vênus⁸, todos os grandes povos da Mesoamérica sentiram-se poderosamente fascinados pelo mistério do cosmos (GENDROP, 2005). Para esta civilização eram inseparáveis os processos cíclicos

⁷ Em 1562 o bispo espanhol Fray Diego Landa destrói e inicia um juízo inquisitório contra os índios onde fez queimar códices e objetos sagrados da civilização Maia na região de Yucatán, México. Mais informação: <https://cicalmo.wordpress.com/2007/03/02/mani-el-auto-de-fe-que-sepulto-la-historia-maya/>

⁸ Parafrazeando a Paul Gendrop no livro: "A Civilização Maia" (2005)



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

astronômicos e os processos do ser humano, eles interpretavam que esta é uma visão micro de todo o funcionamento do macrocosmo.

Presença, transe, energia.

Os Maias, assim como outras culturas descobriram que o propósito mais importante do homem deve ser elevar o nível de sua energia vital, os Maias a chamavam *Puah* e podemos compará-la com a mesma energia que os hindus conhecem como *Prana* e os chineses denominam *T'chi*. É a energia que movimentava o corpo, as emoções e os pensamentos, levando a mente a vibrar mais alto. Figuro aqui a interpretação que no livro *Psicotrônica de los Mayas* (1981) se mostra a partir de diferentes visões do ser humano, mas que em essência entrelaçam-se:

Quadro 1 – Culturas comparadas no domínio e manipulação de energias

Cultura	Energia que circula no organismo	Interpretação
China	<i>T'CHI</i>	Forças psicofísicas do sangue e a respiração
Índia	<i>PRANA</i>	Forças infinitesimais que constituem a matéria
Maia	<i>PUAH</i>	Forças celestes que distribuem a torrente da vida

Fonte: CASTILLO, 1981, p. 133



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Esta energia concebida como o movimento universal cósmico, era captada pelos Maias de forma direta. O ritual era um dos meios de comunicação, interconexão e inter-relação transcendental com esta energia e a consciência do universo.

Puah é o estado intermédio do tangível e intangível que transmite as ondas da energia cósmica através do espaço e do tempo, não tendo importância a distância. [...] Propicia que o corpo solar do homem seja sensível aos estados físicos de outros e sinta simpatia imediatamente por uns e aversão por outros; também é o meio de compreender “sentir com” o sofrimento físico, necessidade ou bem-estar do outro. Também faz que se produza compreensão emocional que é muito mais rápida e penetrante. (CASTILLO, 1981, p. 93) (*Tradução nossa*)⁹

Adiciono uma interpretação a mais: Teria alguma relação desta energia com o *axé* na capoeira? Para a cultura nagô *axé* significa a força invisível, a força mágico-sagrada, de toda divindade, de todo ser animado, de todas as coisas (REGO, 1968 *apud* COLUMÁ e CHAVES, 2013, p. 175). O *axé* simboliza todas as energias transversalizadas que dão vida à roda em perfeita harmonia; quando uma roda tem *axé* podemos contemplar, literalmente, um espetáculo. Para os capoeiristas, esse *axé* aparece como o sentido de energia positiva que anima e contagia o jogo de capoeira. (LIMA, 2005 *apud* COLUMÁ e CHAVES, 2013, p. 175).

⁹ *Puah* es el estado intermedio de lo tangible e intangible que transmite las ondas de la energía cósmica a través del espacio y el tiempo, no importando la distancia. [...] Propicia que el cuerpo solar de un hombre sea sensible a los estados físicos de otros y sienta simpatía de inmediato hacia uno y aversión hacia otro; también es el medio de comprender “sentir con” el sufrimiento físico o la necesidad o el bienestar del otro. Además, hace que se produzca la comprensión emocional que es mucho más rápida y penetrante. (CASTILLO, 1981, p. 93)



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Dentro da prática teatral ativamos o *puah*, o *axé*, o *koshi*? O que são estes conceitos para a prática do ator? São diferentes caminhos de compreensão sobre estas ideias, e diante disso surgem infinitas possibilidades de vivenciar este estado do aqui e agora, pois o mesmo princípio (*puah*, o *axé*, o *koshi*) coabita entre as diferentes culturas. Através destes princípios o ator alcança a conexão consigo mesmo e com o cosmos conectando-se com o estado mais elevado e intrínseco da condição humana: a criação.

Mas esta passagem Maia que encontrei num livro muito velho e descuidado na monumental biblioteca da UNAM, este estatuto que está pobremente registrado nesse formato alfabético, não será energia, não será práxis, se não se trança com a vida, esse é o sul do ser que poderíamos pensar em resgatar, as civilizações indígenas que antes que nada dançavam as estrelas, construíram o calendário mais intrigante da história do mundo, me faz pensar que essa espantosa exactitude que colocam na mandala cósmica tem relação intrínseca com as tranças da dimensão da vida mesma, com a imanência e transcendência do agora, com o fazer-saber, realidade-mistério. Há uma conclusão que me inquieta: na *episteme* da AbyaYala indígena encontramos a máxima: “Eu danço-existo”, mas a Europa, poderíamos dizer que teve um processo inverso “Eu penso, logo existo”, mesmo este que foi instalado na América depois da colonização; será que pede esta transição epistemológica um convergir entre o dançar e o pensar? arte-vida numa ocorrência paralela. Para dinamizar isto, vem alguns seres humanos a dar-nos luz sobre começar um diálogo com os vencidos, com os esquecidos, com a alteridade e o duplo da historia oficial, desde Argentina veio a mexer minha alma Enrique Dussel quando numa conferência falava sobre a pátria Latino-América e pronunciou: “Estamos fora da história do mundo”, quando Raúl Fonet Betancourt insiste numa filosofia intercultural e nos diz que é preciso “recuperar o termo espiritualidade como uma força social, como uma força cognitiva. A espiritualidade

- 2787 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

como um eixo de organização social, política e também de conhecimento”¹⁰, ou um Octavio Paz que morreu dizendo que tínhamos que recuperar a presença, ou um Artaud em desespero pulando o exercito da racionalidade em busca de um fazer sentir as profundidades e mistérios da vida nos órgãos, e o próprio Boaventura que mesmo vindo de um “norte” reconhece de peito aberto a existência imprescindível de um sul.

Essas tranças tem a ver também com um elo, penso eu, um pouco esquecido a causa da predominante referência eurocêntrica: o(s) tempo(s).

Presença-transe-energia-tempos.

Dentro do ritual se manifestam e fluem os arquétipos que os levam ao desconhecido porvir:

É quando o tempo assume a palavra, o passado questiona e alimenta o presente e o futuro; em duzentos e sessenta movimentos, tudo se torna fogo e tempo. Então resplandecem as mais altas sabedorias da conduta humana e o poder do calendário sagrado se manifesta, primeiro em sentimentos, depois em sabedoria.¹¹ (tradução nossa)¹²

Estas descrições se encontram no cerne do ritual religioso Maia, ligados com o estado elevado da consciência, com um *transe*. Abro aqui uns parágrafos para discutir sobre este estado do corpo que se nos apresenta como o acesso a outras

¹⁰ Entrevista a Betancourt no XVII Seminario Internacional del Programa de Diálogo Norte-Sur: Promedio México, Diálogo Norte-Sur – Entrevista a Raúl Fonet-Betancourt. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=WmGk3MXVSUg>> Acesso em: 17/02/2016 às 22:06h.

¹¹ Frase extraída do documento: *Cosmovisión Maya, Plenitud de la Vida* (2006)

¹² Es cuando el tiempo asume la palabra, el pasado cuestiona y alimenta el presente y el futuro; en doscientos sesenta movimientos, todo se vuelve fuego y tiempo o tiempo y fuego. Entonces resplandecen las más altas sabidurías de la conducta humana y el poder del Calendario Sagrado se manifiesta, primero en sentimientos y luego en sabiduría.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

dimensões do corpo, talvez estados não vividos no limiar da plena consciência, matéria do inconsciente que tanto nos interessa na arte do ator. O transe tem a ver com um fator significativamente esquecido pela cultura teatral ocidental: os tempos. Para as culturas mesoamericanas o tempo é o cambio cósmico, um movimento cíclico e racional, *o tempo é a ordem móvel do cosmos* (DE LA GARZA, 2015, P. 224). A partir dos estudos de Mercedes de la Garza¹³, discorrerei as reflexões sobre este mecanismo espiralado chamado tempo em relação com o estado de transe. O ritual não é alheio à temporalidade, o ritual dentro da cultura Maia era um marcador e motor do tempo (DE LA GARZA, 2015, p. 149). Os rituais eram a forma de penetração no tempo sagrado, se realizavam estes ritos a partir do calendário que acabava com a monotonia e linearidade do tempo profano. Dentro da cultura Maia eram considerados três tempos: tempo profano que era considerado como o tempo que conduz ao devir, à história, à duração, é lineal e cronológico, uma duração contínua e irreversível da realidade cotidiana; o tempo mítico ou tempo das origens, que é quando os deuses criaram o cosmos; e tempo sagrado ou ilimitado, infinito, que graças aos ciclos produz o eterno retorno à origem, e que é o tempo do ritual (SCHWARZ, 2008, P. 130 *apud* DE LA GARZA, 2015, P. 145).

Os desdobramentos a respeito de estas ideias sobre o tempo em relação com o tempo da teatralidade se me apresentam não como afirmações, mais como questionamentos, qual é o tempo da criação, se esta leva-nos a um estado do corpo alterado? O espetáculo poderia ser considerado como um marcador e motor do tempo? Se os rituais dos Maias eram para renovar as energias do cosmos, o que precisa ser renovado, resignificado dentro da criação? Pode renovar a criação artística, inserida num tempo de transe (sagrado), o mundo social? Se o ritual era

¹³ A mexicana Mercedes de la Garza é considerada das maiores e mais importantes pesquisadoras da cultura Maia.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

o motor do tempo, o que se está marcando numa peça teatral? Uma época, um pedaço da história do homem?

Me interessa falar sobre o tempo do mito, Mercedes de la Garza me faz refletir a geografia interior e os trajetos que percorrem as imaterialidades do ser em criação.

No tempo do mito coexistem passado, presente e futuro, os protagonistas movimentam-se livremente em todos esses âmbitos temporais que são um só. O tempo do mito é “outro” tempo. No entanto, somente é um tempo eterno, “intemporal” ou seja, estático, no estado anterior à criação do cosmos. (DE LA GARZA, 2015, p. 233) (*Tradução nossa*)¹⁴

Existem tempos-espacos onde todos podemo-nos reconhecer. Esses lugares se denominam mitos. “Estes outros tempos é onde se desenvolvem as histórias sagradas e a temporalidade dos “outros mundos”, concebidos como espaço-tempo sem limites” (DE LA GARZA, 2015, p. 233). Na trama dos tempos segundo esta visão Maia, convergem e participam o tempo do mito, o tempo dos sonhos, o tempo do êxtase e o tempo da morte. No teatro, o tempo-espaço onde conseguimos ver o que não existe na materialidade, a ficção ardente que tanto é fascinante ante nossos olhos, penso eu corresponde a “outros tempos” que temos que repensar. Verônica Fabrini (2013) diz “Há uma equivalência entre morte e ficção: ambos estão do lado de lá”, e termina dizendo: “Talvez a morte seja o ponto de conexão entre Arte e Vida”, este outro lado se encontra nos interstícios

¹⁴ En el tiempo del mito coexisten pasado, presente y futuro, por lo que los protagonistas se mueven libremente en todos esos ámbitos temporales, que son uno solo. El tiempo del mito es “otro” tiempo, sin embargo, sólo es un tiempo eterno, “intemporal” o sea, estático, en el estado anterior a la creación del cosmos.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

do tempo-espaço invalidado pelo sistema epistemológico dominante, são estes outros lugares que podem nos dar a possibilidade de olhar outros horizontes, talvez, infinitos, sem limites para revitalizar nossa prática na vida.

De acordo com estas ideias vindas do sul, o ritual detém o tempo cronológico (profano) e a comunidade transporta-se ao tempo sagrado (tempo das origens), e assim, a partir da energia mágica do rito, o mundo é criado de novo. Os tempos do sul justapõem-se, coexistem e constituem uma trama multicolor e, a través do ritual, se “vivem” simultaneamente. Através do transe podemos vivenciar “os tempos” numa só conspiração, assim a personagem criada não é uma lembrança, é presença viva porque eles estão em todos os tempos. A percepção ocidental do tempo cronológico e dissociado é deslocada do mapa e coloca-se em questão a noção do tempo que é experimentado pelo corpo mergulhado num estado de transe criacional. Apresento esta abstração sobre o tempo vinda de uma cultura que mais que preocupar-se pela materialidade da vida, se profundaram na misteriosa dimensão intangível da existência.

A ciência moderna focada na produção capitalista tem nos colocado como sujeitos de produção e concorrência de mercado, existe sim um esmagamento das condições do corpo, esmagamento do tempo? o único consolo que tenho ao ter que produzir artigos para fabricar um bem sucedido currículo lattes, é que escrevo sobre essências, e conspirando comigo Jean-Jacques Rousseau evoca: “natureza não é memória de um passado remoto e perdido, mas permanência do paraíso no cerne da queda, presença no cerne da história de um ser não histórico” (ROUSSEAU, 2005, p. XXI). O ser humano virou um objeto meramente histórico neste tempo profano e cronológico, esquecendo que somos essência/natureza, e que, desde um aqui e agora podemos reposicionar os desejos, reposicionamos o mundo. É o impulso da essência/vida do ator o que dá a cor da presença cênica, a história somente se encontra nos interstícios da essência como consequências.

- 2791 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Para finalizar, o sul corpóreo não pretende estabelecer-se como um conceito determinado, enquadrando esta reflexão interdisciplinar das ciências sociais com as artes cênicas em uma única vertente de interpretação, busca apenas criar ramificações de saberes e novas formas de interpretar o conhecimento a partir de esta possível tradução intercultural.

- 2792 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Referências bibliográficas

ARTAUD, Antonin. **México y Viaje al País de los Tarahumaras**. México, Fondo de Cultura Económica, 1984.

CASTILLO, Enrique. **Psicotrónica de los Mayas**. Ed. Orión, México D. F. 1981.

COLUMÁ, Jorge Felipe, CHAVES, Simone Freitas. O sagrado no jogo de capoeira. **Textos Escolhidos de Cultura e Artes Populares**, Rio de Janeiro, maio 2013, N. 1, V. 10 pp. 169-182.

DE LA GARZA, Mercedes. **El tiempo de los dioses-tiempo. Concepciones de Mesoamérica**. México: Instituto de Investigaciones Filológicas. 2015.

DUSSEL, Enrique. **1492 El encubrimiento del otro, hacia el origen del “mito de la modernidad”**. La Paz, Plural Editores, 1994.

GENDROP, Paul. **A Civilização Maia**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2005.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SANTOS, Boaventura. **A crítica da Razão Indolente**, Contra o desperdício da Experiência. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

_____. A filosofia à venda, a douda ignorância e a aposta de Pascal. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Março 2008, N. 80, pp. 11-43.

_____. **Conocer desde el Sur: Para una Cultura Política Emancipadora**. Lima: Fondo Editorial de la Facultad de Ciencias Sociales. 2006.

- 2793 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

_____. **Refundación del Estado en América Latina,**
Perspectivas desde una Epistemología del Sur. Lima: Instituto Internacional de
Derecho y Sociedad, 2010.

ZEA, Leopoldo. **América como Consciência.** México D. F.: Cuadernos
Américanos, 1972.

GUATTARI, Félix. 2015.

<https://periodicoelamanecer.wordpress.com/2015/02/11/para-acabar-con-la-masacre-del-cuerpo-felix-guattari/> 25/01/2015 às 18:55 h.